

A Revista de História e a  
Constituição de um Campo  
para a História Acadêmica no  
Brasil (1950-1960)

The Revista de História and  
the Establishment of a Field  
for Academic History in Brazil  
(1950-1977)

Aryana Costa<sup>1</sup>



**Resumo:** O objetivo deste artigo é investigar, por meio da Revista de História da USP fundada em 1950, a constituição de um campo para a história acadêmica no Brasil. Por meio da composição das edições na década de 1950, identificamos ainda um período de convivência entre profissionais vindos do IHGSP e da universidade nessa publicação, o que aponta para um regime de transição ainda entre uma história dita “tradicional” e uma nova história profissional no Brasil, mesmo na década de 1950. Da análise de elementos que acompanham os textos publicados por historiadores franceses e de alguns artigos publicados por professores como Eurípedes Simões de Paula, Eduardo d’Oliveira França e Astrogildo Rodrigues de Mello, também é possível analisar a periodização tradicional da relação estabelecida pela assim chamada escola uspiana de História com a Escola dos *Annales*.

**Palavras-chave:** Revista de história USP; *Annales*; IHGSP; Historiografia.

**Abstract:** This paper aims to investigate the establishment of a field of academic history in Brazil, by means of USP’s Revista de História, founded in 1950. Through the contents of the 1950’s issues we identify, in the publication, a period of closeness between professionals coming from the IHGSP and others from the university itself. That points to a transition period between a so-called traditional history and a new professional history in Brazil, already during the 1950’s. It is also possible to sort out the traditional periods of the relationship between the *Annales* and the so called USP school of History, through the analyses of elements that accompany texts published by French historians and some others published by professors such as Eurípedes Simões de Paula, Eduardo d’Oliveira França and Astrogildo Rodrigues de Mello.

**Keywords:** Revista de história USP; *Annales*; IHGSP; Historiography.



## Introdução

Em 1950, prof. Eurípedes Simões de Paula, titular da cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval do curso de Geografia e História da USP, funda a que é hoje uma das mais antigas revistas acadêmicas em História no país, a Revista de História (RH). Considerando que as práticas do fazer história se encontravam neste momento em processo de adequação às novíssimas configurações de tempo, espaço e sociabilização que a institucionalização da universidade produziu, e que a identidade de historiador profissional ainda encontrava-se tateando por um formato, procurei investigar como esses novos profissionais universitários procuraram constituir seus próprios espaços, tomando como pretexto a Revista de História da USP. Para tanto, tomei como mote tanto a composição da Revista quanto a relação estabelecida com membros da Escola dos *Annales*, o que inclusive demarca uma memória acadêmica sobre o curso de História da USP.

O surgimento da Universidade de São Paulo e conseqüentemente o campo de produção universitária de História são aqui considerados tendo em vista que este é um período de transformações para várias das atividades do campo intelectual. A hipótese inicial é de que o curso de História e Geografia que nasce em 1934 não foge desse quadro: os modos de ser historiador e fazer história dos Institutos Históricos se encontravam plenamente ainda no seu nascimento. É somente no processo de sua institucionalização – isto é, nas novas práticas que engendra (seja em termos de produção da escrita, pesquisa e formação de novos profissionais, seja nas novas lógicas de estabelecimento de relações sociais) - que ele permite a libertação do antigo regime das “letras históricas”.<sup>2</sup> As décadas de 1930 e 1940 são um período de convivência entre diferentes entendimentos sobre a atuação de um profissional de História e a primeira geração formada pela universidade ainda se encontrava num processo de transição de dois regimes já existentes (o nacional e o estrangeiro) para a sua própria identidade profissional.

Este período inicial da consolidação dos primeiros cursos de História no país tem sido objeto de estudos na história da historiografia, mobilizando diferentes abordagens. Ainda na década de 1970, José Roberto Amaral Lapa (1981, p. 73), na segunda edição de seu livro “Historiografia Brasileira Contemporânea”, dividindo em duas gerações os historiadores de então, acredita que a segunda – composta por aqueles nascidos nas décadas de 20 e 30, ainda não teria alcançado o mesmo estatuto que a primeira geração, representada por Capistrano de



Abreu, José Honório Rodrigues, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Nelson Sodré. Mas outras abordagens como as de Gontijo e Franzini (2009), abordam a produção historiográfica da época justamente sob a perspectiva da construção de uma memória que estabelece marcos de inauguração dessa moderna historiografia brasileira, situada nas décadas de 1940, 1950 e 1960, recorte deste texto.

Resta, portanto, um campo a ser explorado que é este até a sistematização e consolidação da pesquisa histórica na universidade no país<sup>3</sup>, o início da concomitância entre institutos e universidade, onde o regime desta última ainda não se encontrava definido. Sobre este período inicial dos cursos de graduação em História no país, a experiência nas cátedras ministradas pelos professores franceses (principalmente, Fernand Braudel e Jean Gagé que vieram lecionar na Cadeira de História da Civilização) e sua produção tem sido caracterizada como lugar de inovação e diferenciação daquilo realizado pelos “professores nativos” (que se ocuparam das Cadeiras de História da Civilização Brasileira, e Língua Etnografia Brasileira e Tupi-Guarani). Dentre os professores que pertencem a este recorte e que costumam ser associados à descendência da influência francesa, Eduardo d’Oliveira França e Eurípedes Simões de Paula estão entre as figuras principais.

A clivagem entre os dois grupos nesta universidade tem sido construída pela memória de seus professores e ex-alunos como composta por aqueles que se ligavam aos primeiros professores franceses e por outro lado por “conservadores” e “tradicionais”, representados pelos docentes que ocupavam as demais cadeiras (Afonso Taunay, Alfredo Ellis Junior e Plínio Ayrosa). Essas disputas decorriam de entendimentos diferentes acerca da teoria e metodologia da História e também da metodologia de sala de aula, a partir da qual a oposição entre novos e tradicionais surge com mais evidência nas entrevistas de professores e alunos da época. Esta memória também se vê presente no que se convencionou chamar de “escola uspiana de História”.<sup>4</sup>

A primeira tentativa documentada de produzir um círculo de profissionais universitários com interesses afins ocorre em 1942 através da Sociedade Paulista de Estudos Históricos, que ao menos naquele ano, segundo a ata publicada na Revista de História, funcionou regularmente com encontros quinzenais entre professores e assistentes da FFCL da USP, mas também com elementos não pertencentes aos quadros universitários. Todavia, a iniciativa não vingou e somente em 1950 a ideia foi retomada, agora sob o nome de Sociedade de Estudos Históricos (SEH), mais ampla, portanto, pois que “mais de acordo com



as conveniências do ambiente ora existente em S. Paulo no que se refere às possibilidades para a pesquisa e os estudos de História” (MATOS, 1951, p. 227).

Paralelamente à Sociedade, em 1950, Eurípedes Simões de Paula lançou o primeiro número da Revista de História, que a posteridade vai filiar à uma descendência direta do movimento dos *Annales*.<sup>5</sup> Em suas próprias páginas, notas de rodapé, notícias e resenhas retomam a conexão pessoal existente entre os antigos professores franceses que vieram lecionar no curso e a Faculdade de Filosofia.<sup>6</sup> Fiar-se, porém, nas conexões pessoais anunciada pela RH, sobrepuja a diversidade de publicações que ao final das contas, se fez presente na Revista.

Neste artigo, tomarei a primeira década de Revista de História, analisando a composição de alguns de seus números iniciais, os tipos de textos publicados pelos seus autores, além do conteúdo de notas de rodapé e artigos para pensar justamente como ela se constitui, através dos elementos citados acima, num veículo para a afirmação de uma determinada filiação historiográfica.

### **A Revista de História: “uma ligação afetiva e intelectual”**

Eurípedes de Paula conduziu a Revista de História da data de sua fundação, em 1950, até a de sua morte, em 1977. No total, foram 112 números editados sob sua direção, o último, *post-mortem*. Junto ao trabalho de edição da revista, como autor publicou nela editoriais, traduções de conferências, inventários de documentos, algumas de suas próprias conferências/palestras/aulas inaugurais, anotações para temas, artigos e resenhas.<sup>7</sup>

A motivação inicial do projeto da Revista é atribuída ao intercâmbio com Fernand Braudel desde os tempos de aluno. O editorial que abre o primeiro número lembra que “já em 1937, [...] o ilustre prof. Fernand Paul Braudel [...] pensávamos em fundar uma Revista destinada à divulgação dos trabalhos históricos [...]” (PAULA, 1950, p. 1).

Esse raciocínio é incorporado nas explicações de terceiros sobre a RH. Dentre outros exemplos, no texto da Comissão que organizou a coletânea de homenagem póstuma a Eurípedes, é destacado que “coerente com a sua concepção historiográfica, (E.S.P) define a REVISTA pela amplitude e interdisciplinaridade”, ao que exemplifica com a citação do mesmo editorial, em que o professor se refere a Lucien Febvre e à história como a Ciência do Homem (MELLO E SOUZA, 1983, p. 710). Ou seja: está como dado que havia uma determinada concepção historiográfica na Revista: a dos *Annales*. Eurípedes Simões de Paula anuncia a sua motivação inicial e filiação, que é, por sua vez,



reiterada pelos seus posteriores.

Os indícios encontrados que explicitam uma ação do próprio Eurípedes estabelecendo vínculos com os franceses (especialmente os que seriam dos *Annales*) estão principalmente na sua ação como editor da Revista de História. Seus artigos dão a ver como sua voz explicava o ensino de História, o que entendia como a influência da FFCL para a produção de História e até mesmo o sentido desta última, mas sua ação editorial também expõe tratamentos que revelam os laços pessoais com a geração de seus mestres.

A Revista de História é certamente um material rico para constatar o intercâmbio de relações entre a seção de Geografia e História<sup>8</sup> da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e demais grupos de acadêmicos das Ciências Sociais, dentre eles os historiadores franceses, antigos professores da universidade. Muito embora sejam encontradas evidências da ação de Eurípedes em determinados momentos na Revista de História que mostrem uma tentativa sua de exibir as conexões com os mestres franceses das primeiras missões na USP, uma análise da Revista vista como uma totalidade, mostra que seu trabalho na RH extrapola esta conexão, o que será feito mais adiante.

A presença de textos dos antigos professores franceses, acompanhados frequentemente de notas de rodapé que os apresentavam, evidencia os vínculos que se quis manter após sua partida e que contribuíram para construir uma identidade para a historiografia uspiana e para o seu posicionamento no campo da academia. Não será sem propósito que a conferência que abre o seu primeiro número é de Lucien Febvre, proclamada na FFCL um semestre antes, em 1949, momento que será rememorado posteriormente como elemento de comprovação da ligação com a orientação historiográfica da revista dos *Annales*.<sup>9</sup>

Tomemos, pois, as estratégias que distinguem a presença francesa de outras colaborações na Revista. A leitura de suas seções, – especialmente as seções *Conferência, Fatos e Notas e Noticiário* - de 1950 a 1960, evidencia um tratamento diferenciado para com a presença das contribuições francesas na Revista e a rememoração de suas passagens pela USP. Os textos dos antigos professores franceses vêm acompanhados de notas explicativas assinadas por Eurípedes Simões de Paula. Alguns desses textos são republicações de artigos já veiculados em jornais ou outras revistas.

Por exemplo, de Braudel, *As Responsabilidades da História*: “A presente conferência já foi publicada pelo ‘O Estado de São Paulo’ [...]. Entretanto, por se tratar de assunto tão interessante e por ter sido o conferencista um dos



inspiradores da nossa Revista de História, não hesitamos em estampá-la de novo com a gentil autorização do autor. (E. Simões Paula)” (PAULA, 1952, p. 257).

O número 30 de 1957 também traz como conferência a aula inaugural já proferida por Jean Gagé no Collège de France, dois anos antes, em 1955 e acompanhada de nota assinada por ESP.: “É com grande satisfação que a *Revista de História*. estampa esta aula inaugural de um dos mais notáveis professores que já passou pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e de quem tivemos a honra de ser assistente” (PAULA, 1957c, p. 289). No mesmo ano, o número 32 traz a transcrição integral da resenha de Frederic Mauro<sup>10</sup> sobre a RH para a *Annales, économies, sociétés, civilisations* de janeiro de 1957, também acompanhada de comentário de que “já estive como professor visitante na nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nos conhece bem e portanto sua opinião sobre (sic) a nossa *Revista de História*, é sumamente valiosa e encorajadora.” (PAULA, 1957b, p. 257). A resenha de Mauro define a RH como tão clássica quanto o café, o algodão e os homens políticos o são para São Paulo (PAULA, 1957b, p. 257). Seria a assunção de que o corpo acadêmico de História já poderia substituir o corpo do IHGSP na tradição historiográfica paulista?

O afeto pelos seus antigos mestres é abertamente declarado na Revista. Eduardo de Oliveira França escreve:

A Revista de História de São Paulo, *afetiva e intelectualmente* ligada aos dois grandes historiadores franceses, registra com satisfação as congratulações que envia à Academia de Ciências Morais e Políticas e ao *Collège de France* pelo enriquecimento de seu corpo de pensadores com a eleição de Lucien Febvre e Fernand P. Braudel. E com ela a Universidade de São Paulo. (FRANÇA, 1950, p. 122, grifo meu).

As conquistas dos ex-professores são reproduzidas como conquistas da própria USP, como se a ela ainda lhe pertencessem.

Outros ex-professores também aparecem, relatados com a mesma alegria:

Divulgamos com grande satisfação que segundo notícias recentemente chegadas da Europa foi o professor Jean Gagé eleito para o ‘Collège de France’ [...]. Dessa forma o professor Jean Gagé



conta entre nós numerosos amigos e ex-alunos para os quais com certeza esta notícia será particularmente grata (PAULA, 1955a, p. 541).

É com o maior prazer que a Revista de História dá notícia da recente eleição do Prof. Émile Coornaert para a Academia de Inscrições e Belas Letras do Instituto de França. Coube ao Prof. Émile Coornaert [...] inaugurar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, então recém-fundada, os cursos de História. (PAULA, 1959a, p. 255-256).

É com o máximo prazer que a Revista de História anuncia o doutoramento de Estado realizado no dia 5 de junho dêste ano do Prof. Vitorino de Magalhães Godinho, ex-professor visitante de História da Civilização Moderna e Contemporânea da nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nosso distinto colaborador e membro do *Centre National de la Recherche Scientifique* de Paris. (PAULA, 1959b, p. 287).<sup>11</sup>

Ocorre igualmente de que a justificativa para a presença dos textos “franceses” na Revista seja por vezes legitimada por suas passagens pela USP. É como se a relevância da temática por si só não bastasse. Ter passado pela USP é igualmente um fator que justifica a presença desses textos, a exemplo da publicação de Fernand Braudel, *Moedas e Civilizações: do ouro do Sudão à prata da América*, na edição de 1953, em que Eurípedes assina da seguinte forma: “Este artigo foi também publicado pelo jornal O Estado de São Paulo e merece publicação não só pelo fato de seu autor ter sido professor da FFCL da nossa universidade, como porque o assunto é de interesse e se relaciona com dois outros artigos já publicados.” (PAULA, 1953, p. 67, grifo meu).

A bem da verdade, essa lembrança não se passa em todos os artigos: em 1951, Braudel já havia publicado outro texto: *A Falência da Paz: 1918-1939* (BRAUDEL, 1951, p. 235-244), acompanhado de uma nota bastante econômica: o local da conferência (sem sua data) e a autoria de sua tradução (ESP). Mas tanto *Moedas e Civilizações*, como *As Responsabilidades da História* em 1952 (onde ESP usa novamente o argumento da passagem de Braudel para USP), são republicações de *O Estado de São Paulo*. Uma hipótese para essas notas de rodapé, neste caso, é que para justificar esta repetição da publicação, sua passagem pela Faculdade foi usada como argumento de autoridade.<sup>12</sup>

A Revista ainda destaca o esforço que seus diretores fazem no sentido de manter o contato com a produção internacional e trazê-la para o Brasil. É assim que se resenha *L'Etrange Défait* de Marc Bloch. O professor de Filosofia, João Cruz Costa começa seu texto dizendo que “mandamos buscar o livro indicado pelo Prof. Febvre e aqui resumidamente o anotamos para os leitores da Revista de História.” (COSTA, 1951, p. 223).

### Uma Mistura

Apesar destas menções às relações afetivas com os ex-professores franceses e de uma descendência intelectual, um levantamento dos dados quantitativo e qualitativo dos primeiros dez anos da Revista de História demonstra que, antes de mais nada, ela é um espaço intermediário, em que convivem as presenças de intelectuais estrangeiros e nacionais e cujas filiações refletem a variedade de conexões que Eurípedes estabelecia.<sup>15</sup>

Um levantamento feito por Fabrício Alves (2010, p. 195) acrescenta algumas nuances à essa proximidade divulgada entre uspianos e franceses. Concluindo que “[...] a historiografia uspiana mitificou esse contato com os *Annales*, uma vez que a aproximação com essa concepção historiográfica permitiu-lhe ocupar posições e legitimar práticas no campo intelectual paulista e brasileiro.” Alves delimitou o recorte de 1950 a 1960 e mapeou a Revista de diversas maneiras: quantidade de trabalhos por autores, localização geográfica de autores e instituições, filiação institucional e perfil profissional dos colaboradores da Revista, distribuição por área de conhecimento, em História, História Geral e História do Brasil e por temporalidade, autores e periódicos citados (divididos em europeus e latino-americanos), preços, distribuição de páginas e de anunciantes. Os números a que pôde chegar permitiram-lhe tirar algumas conclusões.

Indagando-se sobre o real alcance da perspectiva Annalista na RH, Fabrício tece uma série de considerações. Ao constatar que

a veiculação das idéias *annalistes*, apesar de terem ocupado um espaço considerável, estiveram longe de assumirem uma posição preponderante no interior desse periódico paulista. Pois, muitos dos colaboradores da *RH* vinculavam-se aos Institutos Históricos, podendo ser considerados como bastante próximos da historiografia tradicional. Parte considerável dos trabalhos



publicados nessa revista versou sobre temas que foram abordados a partir de uma perspectiva historiográfica mais conservadora. Dentro dessa orientação, os aspectos renovadores disseminados pelos *Annales* não deixaram de dividir espaço com biografias e histórias políticas e factualistas. (ALVES, 2010, p. 192).

Dentre os colaboradores mais frequentes nos primeiros dez anos da RH, estão Eurípedes S. de Paula, João C. Costa, Thomaz O. Marcondes de Souza, Odilon N. de Matos, a Comissão de Redação e a Diretoria da própria revista, Pedro M. Campos, Álvaro da V. Coimbra, Miriam E. Austregésilo e Maria R. da Cunha Rodrigues (ALVES, 2010, p. 87-88). A filiação mais frequente desses autores é junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mas é interessante observar a presença de um Thomaz Marcondes de Souza, sócio do IHGSP (e da SEH) que ocupa o terceiro lugar em termos de regularidade nas contribuições.

A presença de Thomaz Marcondes se coaduna com uma segunda informação que a análise de Alves levanta: o IHGSP é a segunda instituição cuja frequência aparece na Revista de História (ALVES, 2010, p. 92-95),<sup>14</sup> de um total não menos interessante de 271 lugares de produção de saber que publicam na RH. Dentre essas, autorias que provêm de lugares cujas lógicas de produção são tão diversas quanto suas origens geográficas (França, Portugal, Estados Unidos, Espanha, Inglaterra, Argentina, Alemanha, Itália, Bélgica, México) ou seus fins (IHGB, Sociedade Numismática Brasileira, Arquivo Nacional, CIESP, Consulado de Portugal no Brasil, INL, Biblioteca Nacional, Instituto Rio Branco, Sociedade Paulista de História da Medicina, IHGSE, Museu Paulista, ABL, IHGES, Museu do Horto Florestal, IHGS, Biblioteca Municipal de São Paulo, Diário Popular de Lisboa, IHGPA, IHGRGS, Instituto Genealógico Brasileiro, Colégio de Armas e Consulta Heráldica do Brasil). São relações bastante variadas, não somente definidas pela pertença acadêmica. E muito embora o programa inicial da Revista e algumas iniciativas de sua redação tenham levantado a sua proximidade com alguns sujeitos da Escola dos *Annales*, ela (a Revista) não deixa de ser lócus em que outras vozes ainda se encontram. Vejamos mais detalhadamente a composição de alguns volumes desse período inicial.

Seu primeiro número, por exemplo, exceto pela conferência de Lucien Febvre, é inteiramente realizado com a colaboração de colegas de Departamento de Eurípedes, o que inclui os professores brasileiros. Estão presentes nesse volume praticamente as três grandes cadeiras do curso: História Antiga e Medieval, Civilização Brasileira e Etnografia Brasileira e Tupi-Guarani (ausentando-se,



assim, apenas as cadeiras de História da Civilização Americana e Civilização Moderna e Contemporânea).

De História da Civilização Brasileira, tem-se, então, Alfredo Ellis Junior publicando sobre o ciclo do luar (tema que ele já publicara no Boletim n. 11 da Cadeira de História da Civilização Brasileira daquele mesmo ano); Myriam Ellis, licenciada em Letras Neo-Latinas e já auxiliar da cadeira de História da Civilização Brasileira, escrevendo sobre o ouro e a prata no planalto paulista dos séculos XVI e XVII (o texto é exatamente o mesmo que também está no Boletim do qual seu pai retirara seu artigo sobre o luar); Odilon Nogueira de Matos, então secretário da FFCL, e licenciado em História e Geografia pela USP e ex-assistente de Ellis Junior, sobre a Revolução Praieira.

De História da Civilização Antiga e Medieval, Pedro Moacyr Campos, assistente de Eurípedes, publica sobre problemas do ensino e da Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani, dois assistentes de Ayrosa publicam: Carlos Drummond, na seção documentário sobre a migração dos tupi-guaranis para o Peru e Jurn Philipson na seção Fatos e Notas sobre Antônio Gil (tema já publicado no Boletim da Cadeira de Etnografia, n. 8, em 1945).

As resenhas desse primeiro volume também são feitas por Philipson, Ayrosa, Ellis Junior e Moacyr Campos. Outros dois textos vêm da área das letras: Gilda Maria Reale, licenciada em Letras Clássicas sobre Hesíodo e religião na Grécia antiga e Geoffrey Wille, professor de língua e literatura inglesa sobre as casas na Inglaterra Medieval.

Neste primeiro ano ainda, dentro do quadro de filiações a instituições não universitárias (ou às duas), a RH contará com contribuições de Alfredo Ellis Júnior (1950a, 1950b) (Bandeiras e Entradas no n. 2 e A Queda do Bandeirismo de Apresamento no n. 3, que correspondem a dois capítulos do Boletim n. 8 da cadeira de HCB, “O Ouro e a Paulistânia”, de 1948); Arthur César Ferreira Reis (1950) (do IHGB, com A Incorporação da Amazônia ao Império no n. 2); Myriam Ellis Austregésilo (1950) (O Senador Alfredo Ellis, conferência proferida no IHGSP no início de 1950; e Estudo Sobre Alguns Tipos de Transporte no Brasil Colonial, n. 4); Jorge Bertolaso Stella (1950) (do IHGSP, com A morte de Pericle Ducatti e a Etruscologia no n. 3); Thomaz Oscar Marcondes de Souza (1950) (do IHGSP, num debate sobre Américo Vespúcio, oriundo do IV Congresso de História Nacional, no n. 3) e Francisco Isoldi (1950) (também do IHGSP, com As Sociedades Históricas na Itália no n. 4).<sup>15</sup>

Junto à divulgação de autores franceses, portanto, a RH também foi espaço de circulação para temas de história nacional e de São Paulo. O n. 3 da Revista

é a melhor vitrine disso: junta contribuições de Myriam Ellis (sobre seu bisavô, Senador Alfredo Ellis), Alfredo Ellis Junior (ou seja, direta e indiretamente, três gerações de Ellis na mesma Revista), Jorge Bertolaso Stella e Thomaz Marcondes de Souza, todos do IHGSP, com as de João Cruz Costa e Charles Morazé, nomes da USP; e ainda de Fernando de Azevedo e Sérgio Buarque de Holanda, nomes difíceis de classificar tranquilamente em uma ou outra categoria. Não custa insistir em lembrar, porém, que alguns desses trabalhos não eram frutos de pesquisas inéditas, como os de Ellis Junior e Miriam Ellis, que já haviam circulado pelas publicações dos Boletins da FFCL.

Isso talvez explique também a pouca presença de artigos sobre processo histórico pelos professores das outras cadeiras (Antiga e Medieval, Moderna e Contemporânea, e Civilização Americana, Eurípedes, Eduardo d'Oliveira França e Astrogildo Rodrigues de Mello). Após a efervescência da década de 1940, quando as teses de doutoramento e de cátedra em História foram defendidas, há pouca publicação de pesquisas inéditas na RH na década de 1950 da geração já formada na universidade. As próprias teses de Eurípedes, França e Moacyr Campos, por exemplo, também já haviam sido publicadas nos Boletins da Cadeira de História da Civilização.<sup>16</sup> Na Revista de História, suas contribuições são mais frequentes nas seções de resenhas, noticiário e documentário. Por exemplo, o tipo de texto que França e Eurípedes mais publicam neste início são notícias, como no final de 1952 para relatarem *Uma carta de Henri Berr e Uma Carta do prof. Dr. Giuseppe Caraci* e em Fatos e Notas, para reportar a notícia do falecimento de Lucien Febvre (BRAUDEL, 1956; PAULA, 1956). Eles também costumam se encarregar de discussões de caráter “institucional”, como por exemplo, o primeiro texto publicado Pedro Moacyr Campos (1950), no n. 1, na seção Fatos e Notas (ou seja, não entra no corpo da seção “Artigos”) *Considerações Sobre o Problema do Ensino*. Pedro Moacyr depois volta a publicar dois artigos, dessa vez sobre processo histórico (Roma e Idade Média) no n. 6 e continua no n. 7 (CAMPOS, 1951a, 1951b) e depois em 1961, publica o capítulo sobre historiografia brasileira que escreveu para o livro de Jean Glénisson, *Introdução aos Estudos Históricos* (CAMPOS, 1961).<sup>17</sup>

Astrogildo Rodrigues de Mello publica no n. 6, em 1951, seu artigo *Estudos Históricos no Brasil* e depois somente no n. 36 em 1958, sobre *Contrabando e Bandeirismo no Século XVII*. Seu artigo sobre historiografia brasileira faz um resumo em dez páginas das condições geográficas, sociais e políticas que propiciaram a pesquisa histórica no Brasil desde o período colonial. Começa o raciocínio por apontar o atraso brasileiro em relação às colônias espanholas

e norte-americanas por não possuir em terras próprias imprensa, tipografia ou universidades (MELLO, 1951, p. 381). E elege como marco renovador a vinda da corte portuguesa para o Brasil, determinando a conexão europeia das nossas diretrizes intelectuais e a estruturação do ambiente cultural. Varnhagen aparece em seu artigo como expoente da historiografia brasileira no século XIX e Capistrano de Abreu como aquele do final do Segundo Império.

Analisando por fim o seu presente, Mello abre seu raciocínio indicando o processo de “formação duma cultura de caráter personalista, que se libertou, por fim, da tutela intelectual europeia [...]” (MELLO, 1951, p. 385). Reflexo dessa libertação é a criação de instituições culturais (as Faculdades da Universidade de São Paulo, o Museu de Arte, o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo) que se somaram às antigas (Museu e Biblioteca Nacional, IHGB, MP, Arquivo Nacional e o Museu Goeldi). O que chama a atenção nesse texto de Astrogildo Mello é que em 1950, ele vê a pesquisa histórica como uma prática tanto da universidade como de outros institutos culturais: “A predominância dum espírito ‘universitário’ de cultura histórica vem norteando um progressivo incremento das pesquisas históricas calcadas em preciosos subsídios dos arquivos [...]” (MELLO, 1951, p. 386). E como consequência desse raciocínio cita, na mesma lista, Taunay, Ellis Junior, Basílio de Magalhães, Sérgio Buarque de Holanda, Oliveira Viana, Pedro Calmon e Alberto Lamego ao passo em que lista as publicações desses institutos culturais como exemplo dessa contribuição. A distinção que atribui a esse período, porém, é o fato de que não são produzidas mais obras sobre largos períodos históricos. Mas no que se deixou de ganhar em profundidade, se ganhou em extensão (MELLO, 1951, p. 387): são obras de análises mais objetivas, fecundas em observação e profundas em seus fundamentos, como as do Departamento de História da FFCL que exemplifica citando as publicações dos Boletins. Apenas para retornar depois ao comentário de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Silvio Romero, Oliveira Viana, Pandiá Calógeras, Roberto Simonsen, Caio Prado Junior, dentre outros que também usa como casos da moderna produção histórica do Brasil.

Há aí, ainda no início da década de 1950, uma visão que engloba no mesmo conjunto tanto a nascente pesquisa universitária quanto aquela já realizada em outros lugares. O trabalho universitário é até mesmo definido em termos muito genéricos (mais objetiva, mais fecunda em observação, mais profunda em seus fundamentos) e seus autores são discriminados em nota de rodapé. Terá sido pela sua proximidade no tempo? O que podemos interpretar a partir do que foi efetivamente afirmado é que uma análise historiográfica que parte de dentro



da própria USP por alguém completamente formado pelos seus quadros ainda não estabelece marcos distintivos que hierarquizam a sua produção em relação àquela feita fora dos seus muros e dos seus rituais. Tampouco menciona a influência estrangeira nas produções de seus colegas como um traço definidor.

### **França, Febvre e Braudel**

Passando à produção daqueles professores frequentemente ligados pela historiografia à Escola dos *Annales* no Brasil, o primeiro artigo de Eduardo d'Oliveira França aparece no n. 7, de 1951, chamado *Teoria Geral da História: considerações a propósito de um livro recente*. Não é resultado de pesquisa, mas um debate sobre o livro *Teoria Geral da História do Brasil*, de José Honório Rodrigues que acabara de ser publicado. França elogia o livro de Rodrigues, destacando a sua rebeldia perante o “empirismo que vem parasitando nossa historiografia” ao reclamar um “cimento filosófico e metodológico capaz de assegurar consistência à elaboração da pesquisa histórica.” (FRANÇA, 1951a, p. 111). Mas sua benevolência para na segunda página. Critica a ausência da moderna historiografia francesa, que exemplifica em três linhagens: o grupo da *Synthèse Historique*, da história historisante (sic) e a brilhante equipe dos *Annales*. Mas não é só da historiografia francesa de que acusa a falta em José Honório: critica-lhe também a falta de referência ao marxismo, ao bergsonismo e ao existencialismo.

Em seguida passa para o método e o espírito do livro, que não hesita, já na terceira página (de trinta e umas) de chamar de clássico, “plano Langlois-Seignobos com clarões de filosofia”, século XIX, “que frustram a espontaneidade ao pensamento” e tolhem as iniciativas do espírito (FRANÇA, 1951a, p. 114). Aqui já vemos França utilizar “Langlois e Seignobos” como adjetivo, um parâmetro desmerecedor em história.

As críticas ao livro partem de um referencial que cada vez mais vai se tornando claro: a oposição entre uma visão pragmatista americana e uma europeia, até mesmo romântica. França compara o começo do livro de José Honório Rodrigues ao de Marc Bloch – ambos partiram de uma mesma pergunta, “para que serve a história?”. Mas acusa Rodrigues de confundir valor, função e finalidade. E dá seu mote: “são artificiais essas *utilidades* da história.” (FRANÇA, 1951a, p. 115, grifo do autor). Essa seria uma maneira americana de resolver problemas: simplista e empiricamente, com dispêndio mínimo de reflexão. A questão que deveria ser posta é: “sua função na vida mental, qual é? O verdadeiro problema

não é o da utilidade, é o da funcionalidade.” (FRANÇA, 1951a, p. 116), ecoando a palestra que Braudel proferiu no Instituto de Educação, em 1936<sup>18</sup>, quando França era um aluno do curso.

Em seguida, se detém sobre a cientificidade ou não da história. Nesta discussão, novamente discorda de Rodrigues, perguntando-se: “que importa afinal que a história seja ou não ciência?” E depois, demora-se na discussão sobre causalidade em história, que também crê não possa se basear nos parâmetros cientificistas, mecanicistas de uma historiografia tradicional. França recorre várias vezes ao campo da psicologia para apontar a insuficiência das relações clássicas de causa e efeito: instintos, impulsos, tendências, emoções e dinamismo subconsciente atuam mais que a consciência (FRANÇA, 1951a, p. 120). Reclama que o livro não aborda o tema do objeto da história, que ensinaria inferências sobre o método e cientificidade da história; que Rodrigues ignorou o problema de seleção dos fatos (cujo critério, para França, é o próprio espírito do historiador); que não tenha analisado os ciclos da história ao tratar da periodização; e que o autor utilize o termo tipos e não áreas para falar dos recortes temáticos da história: “a verdadeira história é totalizadora”. A divisão em áreas é “puro andaime, fracionamento provisório.” (FRANÇA, 1951a, p. 126).

O resto da resenha, continua sendo uma janela para os posicionamentos de França. Na mesma nota sobre a seleção dos fatos, França emite frases que resumem seu raciocínio: “A atmosfera da história é a da compreensão. [...] Crítica para apuração dos fatos e intuição para sua compreensão têm que seguir juntas.” (FRANÇA, 1951a, p. 132). José Honório subjuga o historiador à tirania da prova material, por isso que se aproxima da grande ilusão do cientismo (sic) do século XIX. A etapa dos documentos seria somente um elemento de erudição, a arrumação antes da festa. Essa longa exortação que faz sobre objetividade e compreensão em história, uso de documentos e seleção de fatos desemboca no resumo em uma frase de Lucien Febvre: “não há história, há historiadores.” (FRANÇA, 1951a, p. 136). Ainda derivado de Lucien Febvre é também a sua defesa de que pouco importam os rótulos de uma pesquisa (sociologia, política, economia, etnologia, etc.): “Da colaboração das ciências do homem resultará o melhor conhecimento de seu objeto, sem preconceitos de fronteiras.” (FRANÇA, 1951a, p. 139-140).

O n. 8, último volume de 1951, por sua vez, é recheado de contribuições de Eduardo França. A conferência que tradicionalmente abre o volume é sua: *Considerações sobre a Função Cultural da História*. Ele colabora ainda com mais dois textos na seção Artigos: mais um comentário sobre obra, *Em torno de Luís*

XIV. *Considerações a propósito de um livro recente e O testamento de um historiador: Marc Bloch*, também um comentário sobre o livro *Apologia da História*. No texto comentando o livro de Louis André, *Louis XIV et l'Europe*,<sup>19</sup> de 1950, França exibe sua erudição acerca do tema. Aponta em vários momentos equívocos de informação e interpretação do autor, somados a um conhecimento da bibliografia especializada sobre o tema, inclusive estrangeira. Conhecemos, ainda, para além do seu domínio sobre o assunto, algumas posturas metodológicas das quais devia ter como pressuposto: à la Febvre, reclama que este livro seria uma exceção na coleção de Henri Berr, pois faz uma história diplomática. “Pena, porém, que conte os acontecimentos sem sentir os homens. [...]. Resultado: o livro fica sem alma, sem calor, sem colorido.” (FRANÇA, 1951c, p. 345-346). Faltou quase completar: “é uma história desencarnada” (FEBVRE, 1989). Ainda no mesmo tom “febvriano”, nota a falta que faz a história econômica, social e cultural no livro. Sugere como alternativa a análise de Luís XVI para além dos domínios da Europa (França sugeria que seu reinado também devesse ser perscrutado nos embates no Oriente, América, Antilhas, Atlântico e Índico. O conflito com a Europa também está aí). E assegura: “A psicologia é um antídoto contra o empacho de documentos. Devia entrar na dieta obrigatória dos historiadores como vitamina para a fixação do cálcio das provas arquivais.” (FRANÇA, 1951c, p. 348).

O texto sobre Bloch é mais uma resenha, desta vez sobre *Introdução à História ou o Ofício do Historiador*. Os elogios de abertura se direcionam à obra e ao seu autor: “uma grande inteligência numa grande alma”, ao passo em que as circunstâncias da escrita do livro também dão o tom da resenha, já desde o seu início. França chega a dizer: é quase “uma autobiografia espiritual.” (FRANÇA, 1951d, p. 434) E lamenta que Febvre não tenha completado as lacunas do livro, pois assim ele teria sido o “Langlois-Seignobos da nova geração. Seria um grande livro, o livro decisivo.” (FRANÇA, 1951d, p. 434). Alguns dos pontos-chave que destaca do livro já vimos na crítica ao livro de Honório Rodrigues: sobre a causalidade na História; dos testemunhos e documentos; da dupla análise/compreensão; do problema da funcionalidade da História, mais relevante que a pergunta sobre sua legitimidade. Assim como: as ideias que são apresentadas como problemas “a farda do destacamento dos *Annales*.” (FRANÇA, 1951d, p. 435); a noção de “história ciência do homem”; o homem integral, *na durée*, como objeto da história; sua cientificidade; linguagem; periodização e ainda um tema recorrente nesses “textos propaganda” de França: a psicologia em História.

Esse texto guarda algumas semelhanças (para não dizer reproduções) notáveis com o artigo *Caminhando para uma outra História*, de Lucien Febvre, originalmente publicado na *Cahiers des Annales* em 1949,<sup>20</sup> em que usa o livro de Bloch como pretexto para tecer comentários sobre os rumos que a história deveria tomar. São três os comentários de Febvre que França transpõe para este seu texto na RH. Primeiro, na questão do duplo título do livro, onde Febvre diz: “Tem um belo título – ou melhor, dois: Apologia da história ou Ofício do historiador. É o segundo que merece o epíteto [...]” (FEBVRE, 1989, p. 241), França reelabora: “Hesitou Bloch entre dois nomes: *Apologie pour l’histoire* ou *Métier d’historien*. Febvre conservou-os ambos. Sinceramente, preferimos o segundo [...]”. E quando continua sua frase: “[...] preferimos o segundo: hoje, que Marc Bloch está morto, dá-lhe um cunho de autobiografia espiritual.” (FRANÇA, 1951d, p. 434), remete de novo a Febvre, que havia dito: “Acerca do seu admirável testamento espiritual e dos seus últimos propósitos [...]” (FEBVRE, 1989, p. 246).

Por fim, o comentário sobre a indistinção entre a autoria dos pensamentos – se são de Febvre ou de Bloch, que aparece em Febvre “agradecer-lhe-ia, simplesmente, por tão bem ter traduzido pensamentos que nos foram comuns durante tanto tempo e a respeito dos quais ele escrevia que, para ser honesto, muitas vezes não poderia decidir ‘se são dele, de mim, ou de ambos’ [...]” (FEBVRE, 1989, p. 248), também está em França “de ter ouvido Febvre dissertar a propósito da tirania do número sobre o homem contemporâneo. Encontrase a ideia em Marc Bloch. De quem? De um? De outro? De ambos?” (FRANÇA, 1951d, p. 434).

A conferência de França, que abre o número, é um resumo de todos esses posicionamentos. É a transcrição de uma palestra pronunciada na FFCL, a convite do grêmio dos alunos em maio de 1951. Aqui vê-se novamente a centralidade da compreensão no método histórico “o momento crítico do método é o instante da compreensão, quando o historiador salta da realidade presente que é para se transportar com a carga de suas experiências atuais e com seu espírito crítico para o espetáculo do passado” (FRANÇA, 1951b, p. 263). Pirenne, Michelet e Fustel de Coulanges são citados como exemplos de historiadores (os dois últimos definidos por um pouco mais de precisão científica e menor ardor literário). Novamente o debate sobre a causalidade em história. A honestidade do historiador como critério de legitimidade metodológica. O homem por inteiro, “tudo o que pode ver a respeito do homem”, como objeto de estudo. E por fim, mais uma vez o conhecimento da história como fim em si

mesmo: “A história se contenta em procurar conhecer o homem. Para que? Para conhecer o homem.” (FRANÇA, 1951b, p. 268).

Os quatro textos formam um conjunto, em que ecoam uns nos outros. Neles, vê-se a recorrência de uma forma muito explícita dos pressupostos em que França acredita, o que se dá especialmente pela natureza dos textos: são ocasiões em que se anuncia aquilo em que se crê (palestras e resenhas).<sup>21</sup> Como professor diante de uma plateia de alunos, ele precisa “professar”, orientar o seu público. Numa resenha, ele precisa adotar necessariamente um referencial de onde parte para fazer a crítica. Ou seja, há que se atentar para a função que os textos exercem para além da de um artigo em revista: são textos didáticos, no sentido de que veiculam diretamente ao leitor, através da enunciação (que se transforma em anúncio/propaganda), a adoção de uma ou outra postura, “o certo e o errado”, por fim.

E em 1951 França parece estar completamente engajado no (anúncio do) programa dos *Annales*. O que é interessante de se notar, porém, é que é um programa que àquela altura se aproxima mais de Lucien Febvre que de Braudel (que efetivamente foi quem deu aulas no curso), ao ponto de França transpor os exemplos de Febvre para os seus próprios textos. A psicologia social é defendida em mais de um texto; replica-se Febvre; e as anedotas do francês são incorporadas em seu próprio seu texto, usando a palavra (e o espaço da Revista) para criar os vínculos sociais e epistêmicos com que se identifica.

Esta apropriação de Febvre permite rever a construção da herança/tradição uspiana sob uma perspectiva diacrônica. No necrológio de Lucien Febvre que Eurípedes faz na Revista n. 28, em 1956:

Fundador de *Les Annales*, teve o Prof. Lucien Febvre, através dos seus discípulos que ensinaram na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, uma forte influência sobre as novas gerações de historiadores que desta Faculdade saíram. Em 1949 o Prof. Febvre aqui esteve fazendo uma série de conferências que marcaram profundamente, no espírito de todos, a sua passagem por São Paulo (PAULA, 1956, p. 412).

Mas Febvre só estabelece relações duradouras com Braudel no retorno deste à França, em 1937. Não teria sido possível que Febvre estabelecesse por meio de Braudel, na década de 1930, alguma influência sobre o curso de História que não fosse a que Braudel teria com qualquer outro dos historiadores que lia à época.

O que a ordenação das datas nos indica é que essa foi uma relação construída – com interesses mútuos – a posteriori, já com um Atlântico no meio. São Paulo foi buscar Febvre em 1950, por conta de uma relação que passa a fazer sentido após a passagem de Braudel pela universidade – e a ênfase aqui está na ação de “buscar”. Ou seja, uma dimensão político-institucional da construção de identidade que não pode ser olvidada, na qual a RH serve como plataforma de divulgação, seja com a presença direta dos autores franceses, seja com textos que “propagandeiam” os *Annales*.

Já Eurípedes, afora suas publicações de notícias, documentos, arquivos, resenhas e os “editoriais” (já abordados no tópico anterior), publicou relativamente pouco também na sua própria revista na sua primeira década de existência. São dois temas basicamente: história de São Paulo e história antiga e medieval. O primeiro artigo de Eurípedes na RH aparece somente no n. 17, em 1954, e trata da *Segunda Fundação de São Paulo*. Entretanto, assim como alguns dos textos já publicados na RH, esse é uma reimpressão de um artigo que o autor publicou em 1939 no jornal Folha da Manhã, “como uma pálide homenagem ao IV Centenário da fundação de São Paulo.” (PAULA, 1954, p. 167). Em 1955, publica *A evolução urbana de São Paulo: Explicação Necessária* (PAULA, 1955b) e novamente no n. 31 de 1957, sobre *As Universidades Medievais*, na reprodução de uma aula inaugural que proferiu na instauração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Municipal de São José do Rio Preto (PAULA, 1957a). Aparece de novo em 1960, abordando mais uma vez a antiguidade e a Idade Média, com *Alguns Aspectos das Relações do Ocidente com o Extremo Oriente* (PAULA, 1960, n. 43).

Embora fuja dos limites deste artigo, é importante destacar que é a partir de 1960 que aparecem textos de Eurípedes em quase todos os números da Revista, fora do âmbito das resenhas e noticiário. São temas bastante variados, frutos de palestras em ocasiões comemorativas ou obras de maior fôlego. Há as notas rápidas, que escreve por ocasião de comemorações ou para outras entidades, como em 1961 em texto escrito originalmente para *O Imigrante Armênio no Brasil* da Sociedade Artística Melodias Armênicas (PAULA, 1961a) e *O Infante d. Henrique e as Responsabilidades do Desastre de Tânger* (PAULA, 1961b), por ocasião da Semana Henriquina, patrocinada pela Casa de Portugal. Ou textos de maior fôlego e de interesses tão diversos: sobre as origens do Exército Brasileiro que publicou na íntegra na coleção História Geral da Civilização Brasileira dirigida por Sérgio Buarque de Holanda; a economia medieval do Ocidente (PAULA, 1964); a Marinha Imperial (PAULA, 1966b) ou a época de



Dante (PAULA, 1966a).

É também na década de 1960 que aparecem em três números consecutivos na Revista de História alguns dos textos que mais tarde se tornarão praticamente os textos-manifesto de Braudel na sua atuação dentro das instituições que ocupará: *História e Sociologia*, original de 1958 e publicado na RH (BRAUDEL, 1965b); *História e Ciências Sociais, a longa duração*; também de 1958 e publicado no n. 62 (BRAUDEL, 1965a); e a sua Lição Inaugural na Cadeira de História da Civilização Moderna no Collège de France de 1950 no n. 63 (BRAUDEL, 1965c) (o número seguinte da revista traz mais um texto de Braudel de 1957, em homenagem a Lucien Febvre).

A despeito da sua intensa atividade administrativa (ou por causa dela?), Eurípedes faz-se presente na Revista de História como autor com muito mais vitalidade *a partir do início dos anos 1960*. As características da sua produção escrita – tão diversa e originalmente produzida para outros ambientes – neste momento então parecem ser resultado da extensa rede de contatos que produziu a partir dos cargos que ocupou, das instituições que ajudou a fundar dentro da universidade e que correspondiam também às suas relações com as comunidades fora da universidade: armênias, japonesas, portuguesas. etc.

### Conclusões

Na Revista de História, os primeiros anos são ainda de convivência entre o “antigo” e o que estava ainda por nascer. Vimos como nomes da chamada ala tradicional do curso e mesmo de outros locais de saber tinham espaço no início da Revista, vide o primeiro número que é praticamente inteiro montado com os colegas das outras cadeiras do curso e de apenas uma área mais próxima, a de Letras. É curioso mesmo que os nomes herdeiros dos *Annales* tenham tão pouca presença nos artigos do seu começo. Uma das possibilidades que cogito para isso é que a equipe da Revista preferisse deixar mais espaço para seus contatos, e que se limitasse nesses primeiros anos a uma presença maior nos bastidores - nas seções de resenhas e noticiário. As publicações de Eduardo d’Oliveira França são o exemplo disso, assim como a participação de Eurípedes na década de 1950.

A RH é sem dúvida um elemento de divulgação da historiografia francesa. Mas dois fatores são necessários para essa reflexão: o primeiro já levantado, de que também foi espaço para publicação de textos da historiografia tradicional. E um segundo que também nos interessa, qual seja: o de que a

divulgação dos franceses foi feita pela presença dos próprios, mas que se faz necessário uma investigação mais profunda acerca da real presença de uma influência dos *Annales* nos textos que são publicados pelos “descendentes”. Um aprofundamento nesse sentido escapa dos limites desse trabalho.

São poucos os textos de pesquisa histórica de autoria dessa primeira geração na RH que tratem de um recorte espacial e cronológico em que se possa realmente verificar a *aplicação* dos princípios dos *Annales*. E restritas também as iniciativas sistemáticas de pesquisa, que tenham gerado continuidade. Da parte da primeira geração dos professores formados na universidade, essa influência francesa parece ser mais anunciada do que praticada nos artigos da revista. Por serem em grande parte resenhas e noticiário, as produções dessa primeira década servem como divulgação explícita de uma determinada concepção teórico-metodológico da história e por isso funcionam como ferramenta que *anuncia* a filiação a uma ou outra escola, construindo, deliberadamente, uma identidade própria. O quê, todavia, não garantiu na Revista a presença desses pressupostos aplicados em recortes temáticos nesta sua primeira década de existência por esses mesmos sujeitos.

Não obstante tenha-me sido impossível levar a cabo uma investigação que se alongasse pela década de 1960 e 1970, uma conclusão foi possível de se tirar a partir desse primeiro olhar sobre as iniciativas institucionais das décadas de 1940 e 1950. Ela reforça a necessidade de entender a influência dos *Annales* (e de quem nos *Annales*?) numa dimensão diacrônica – perguntar-se quando ela efetivamente se transpõe para a prática da pesquisa em História, de quando e a partir de quem se transforma em métodos passados adiante. É possível que a segunda passagem de Braudel, entre maio e dezembro de 1947, tenha servido mais incisivamente para a configuração dos espaços no curso de História.

À altura de 1949, Braudel já havia passado recentemente pela segunda vez pela USP. Também havia defendido a tese sobre o Mediterrâneo, se juntado a Febvre e Morazé para a criação da *VI Section de l'École Pratique des Hautes Études*, tornado-se um dos diretores da Revista dos *Annales*, feito parte do júri dos exames de *agrégation* e sido eleito para o *Collège de France*. Febvre, por sua vez, vinha de uma temporada de três meses no Brasil,<sup>65</sup> à mesma época em que organizava o seu *Combats pour l'histoire* e o livro de Marc Bloch, *Apologia da História*, ou seja, pleno das propostas que viriam a caracterizar o conjunto de seus pensamentos. Mas que estão sendo organizadas e publicadas justamente na década de 1940, *após* a primeira passagem dos professores franceses pelo curso e concomitantemente às defesas das primeiras teses do curso. Veja-se que

a apropriação que se dá nos textos de França, por exemplo, é explicitamente de Lucien Febvre, e menos de Fernand Braudel. A influência de Febvre, portanto, sobre o curso de História não pode ser datada da década de 1930, ou por métodos de ensino inovadores, mas sim, por tabela – pela ponte estabelecida entre Braudel e São Paulo num processo que se revela diacrônico, pois que construído durante e especialmente após sua primeira passagem pelo Brasil.

Partindo do pressuposto de que a dita influência dos *Annales* precisa ser entendida nesta perspectiva temporal, uma das primeiras respostas (que na verdade é um caminho que se abre) que levanto neste trabalho é de que esta primeira geração de historiadores formados pela própria FFCL teve um papel mais expressivo como articuladores ou facilitadores das relações entre as figuras de Febvre e Braudel e pesquisadores no Brasil. Sendo uma instituição sem “tradição”, a universidade não tinha ainda um passado a que recorrer. Ela era o novo e o passado a que procurou se filiar nos ritos e práticas que instituiu foi aquele que a distinguiu do “tradicional”, e que, neste caso, era o da então despontante Escola dos *Annales*.

### Referências

ALVES, Fabrício. *Folheando páginas, descobrindo histórias: a Revista de História e a difusão da historiografia dos Annales no Brasil (1950-1960)*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ARAÚJO FILHO, José; SIMÃO, Aziz; FRANÇA, Eduardo. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: relatório sobre os professores francêss, 1934-1987. In: CARDOSO, Luiz; MARTINIÈRE, Guy. *Brasil-França: vinte anos de cooperação (ciência e tecnologia)*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmao, 1989. p. 21-30.

AUSTREGÉSILO, Myriam Ellis. Estudo sobre alguns tipos de transporte no Brasil Colonial. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 495-516, 1950.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Lei nº 2.594, de 8 de Setembro de 1955*. Dispõe sobre o desdobramento dos Cursos de Geografia e História nas Faculdades de Filosofia. Brasília: Câmara dos Deputados, 1955.

BRAUDEL, Fernand. Pedagogia da história. *Revista de História*, São Paulo, v. 6, n. 23, p. 3-21, jul./set. 1955.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. *Revista de*



*História*, São Paulo, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965a.

BRAUDEL, Fernand. História e sociologia. *Revista de História*, São Paulo, v. 30, n. 61, p. 11-31, 1965b.

BRAUDEL, Fernand. Lição inaugural da cadeira de história da civilização moderna do Colégio de França, pronunciada no dia 1º de dezembro de 1950. *Revista de História*, São Paulo, v. 31, n. 63, p. 3-22, 1965c.

BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre: 1878-1956. *Revista de História*, São Paulo, v. 13, n. 28, p. 409-411, 1956. Fatos e notas.

BRAUDEL, Fernando. A falência da paz: 1918-1939. *Revista de História*, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 235-244, 1951.

CAMPOS, Pedro Moacyr. A idealização de Roma e a sua aceitação pelos Cristãos (I). *Revista de História*, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 245-266, 1951b.

CAMPOS, Pedro Moacyr. A idealização de Roma e a sua aceitação pelos Cristãos (II). *Revista de História*, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 15-47, 1951a.

CAMPOS, Pedro Moacyr. Considerações sobre o problema do ensino. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 103-108, 1950. Fatos e Notas.

CAMPOS, Pedro Moacyr. Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. *Revista de História*, São Paulo, v. 22, n. 45, p. 107-159, 1961.

CAPELATO, Maria Helena; GLÉZER, Raquel; FERLINI, Vera. Escola Uspiana de História. In.: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, 1994. p. 349-358.

COSTA, João Cruz. L'Étrange Défaite. *Revista de História*, São Paulo, v. 2, n.5, p. 223-225, 1951.

ELLIS JÚNIOR, Alfredo. A queda do bandeirismo de apresamento. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 301-307, 1950a.

ELLIS JÚNIOR, Alfredo. Bandeiras e entradas. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 167-171, 1950b.

FEBVRE, Lucien. Caminhando para uma outra história. In.: FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Ed. Presença, 1989.

FERREIRA, Antônio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.



FRANÇA, Eduardo. Duas auspiciosas eleições. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 121-122, 1950.

FRANÇA, Eduardo. A teoria geral da história: considerações a propósito de um livro recente. *Revista de História*, São Paulo, n. 7, p. 111-141, 1951a.

FRANÇA, Eduardo. Considerações sobre a Função Cultural da História. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, 1951b.

FRANÇA, Eduardo. Em torno de Luís XIV: considerações a propósito de um livro recente. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, 1951c.

FRANÇA, Eduardo. O testamento de um historiador: Marc Bloch. *Revista de História*, São Paulo, n. 8, p. 433-442, 1951d.

FRANZINI, Fábio; GONTIJO, Rebeca. Memória e História da Historiografia no Brasil: a invenção de uma moderna tradição, anos 1940-1960. In: SOIHET, Rachel; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de; AZEVEDO, Cecília; GONTIJO, Rebeca (org.). *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 141-160.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

*Homenagem da Congregação à memória do Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula*. Orador: Prof. Dr. Eduardo d'Oliveira França. 1977. Pasta 11, 19-PS, 130, 187. CAPH/FFLCH/USP.

ISOLDI, Francisco. As sociedades históricas na Itália. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 547-550, 1950.

LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea: a história em questão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

MATOS, Odilon Nogueira de. Sociedade de estudos históricos. *Revista de História*, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 227-228, 1951.

MELLO E SOUZA, Antônio (org.). *In Memoriam de Eurípedes Simões de Paula: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros de FEB: vida e obra*. São Paulo, 1983.

MELLO, Astrogildo Rodrigues de. Contrabando e bandeirismo no segundo quartel do século XVII. *Revista de História*, São Paulo, v. 17, n. 36, p.341-352, 1958.



MELLO, Astrogildo Rodrigues de. Os estudos históricos no Brasil. *Revista de História*, São Paulo, v.2, n.6, p. 381-390, 1951.

PAULA, Eurípedes Simões. Como fomos recebidos em Portugal. *Revista de História*. São Paulo, n. 6, 1951.

PAULA, Eurípedes Simões. O nosso programa. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-2, 1950.

PAULA, Eurípedes Simões. [Notas]. In: BRAUDEL, Fernand. Moedas e civilizações: do ouro do Sudão à prata da América. *Revista de História*, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 67-83, 1953.

PAULA, Eurípedes Simões. As universidades medievais. *Revista de História*, São Paulo, v. 15, n. 31, p. 3-12, 1957a.

PAULA, Eurípedes Simões. Como fomos recebidos em França. *Revista de História*, São Paulo, v. 15, n. 32, p. 257-260, 1957b.

PAULA, Eurípedes Simões. Conferência. *Revista de História*, São Paulo, n. 10, v. 4, 1952.

PAULA, Eurípedes Simões. Conferência. *Revista de História*, São Paulo, v. 14, n. 30, 1957c.

PAULA, Eurípedes Simões. Lucien Febvre: 1878-1956. *Revista de História*, São Paulo, v. 13, n. 28, p. 411-412, 1956. Fatos e notas.

PAULA, Eurípedes Simões. O prof. Émile Coornaert no Instituto de França. *Revista de História*, São Paulo, v. 18, n. 37, p. 255-256, 1959a. Notícia.

PAULA, Eurípedes Simões. O professor Jean Gage. *Revista de História*, São Paulo, v. 11, n. 24, p. 541, 1955a.

PAULA, Eurípedes Simões. A época de Dante (1265-1321). *Revista de História*, São Paulo, v. 33, n. 67, p. 3-19, 1966a.

PAULA, Eurípedes Simões. A marinha imperial e a unidade nacional. *Revista de História*, São Paulo, v. 32, n. 66, p. 289-307, 1966b.

PAULA, Eurípedes Simões. Alguns aspectos da economia medieval do ocidente. *Revista de História*, São Paulo, v. 29, n. 60, p. 275-290, 1964.

PAULA, Eurípedes Simões. Alguns aspectos das relações do ocidente com o



extremo oriente durante a antiguidade e a idade média. *Revista de História*, São Paulo, v. 21, n. 43, p. 3-14, 1960.

PAULA, Eurípedes Simões. As origens remotas da Armênia. *Revista de História*, São Paulo, v.22, n. 46, p. 435-440, 1961a.

PAULA, Eurípedes Simões. Doutorado do prof. Vitorino de Magalhães Godinho na Sorbonne. *Revista de História*, São Paulo: n. 39, p. 285-287, 1959b. Notícia.

PAULA, Eurípedes Simões. O Infante D. Henrique e as responsabilidades do desastre de Tânger. *Revista de História*, São Paulo, v. 23, n. 47, p. 141-147, 1961b.

PAULA, Eurípedes Simões. A evolução urbana de São Paulo: explicação necessária. *Revista de História*, São Paulo, v. 10, n. 21/22, p. 53-54, 1955b.

PAULA, Eurípedes Simões. A segunda fundação de São Paulo: da pequena cidade à grande metrópole de hoje. *Revista de História*, São Paulo, v.8, n. 17, p. 167-179, 1954.

REIS, Arthur César Ferreira. A incorporação da Amazônia ao império. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 173-193, 1950.

ROIZ, Diogo; SANTOS, Jonas. *As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SOUZA, Thomaz Oscar Marcondes de. Ecos do IV Congresso de História Nacional: a expedição de 1501-1502 e Amerigo Vespucci. Réplica ao Prof. Damião Peres. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 391-410, 1950.

STELLA, Jorge Bertolaso. A morte de Pericle Ducati e a Etruscologia. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 297-299, 1950. LAGE, Ana Cristina Pereira. Vale de lágrimas: mulheres recolhidas no sertão de Minas Gerais na segunda metade do século XVIII. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 19, n. 2, p. 312-326, 2014.

## Notas

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus Mossoró.

<sup>2</sup>Ferreira (2002, p. 22) retoma a expressão “letras históricas” utilizada nas primeiras décadas do século XX. Afirma que “esta expressão, usada à época, servia para caracterizar uma série de estudos históricos, etnográficos, geográficos, sociológicos, folclóricos,

literários de fronteiras disciplinares imprecisas se os compararmos com a produção acadêmica e científica, especialmente, desde os anos 30.”

<sup>3</sup>Geralmente tomada como incontestável a partir da consolidação dos Programas de Pós-Graduação, na década de 1970.

<sup>4</sup>Aqui me baseio na terminologia utilizada por Capelato, Glézer e Ferlini (1994). Este artigo faz uma análise da produção historiográfica da instituição até a década de 90 e reforça a ligação de suas gerações com a Escola dos *Annales*.

<sup>5</sup>Como por exemplo em “Em função desse crescimento, procurou-se estabelecer por meio da revista um intercâmbio direto com o movimento dos *Annales*, que, aliás, já era estabelecido no que dizia respeito ao corpo docente, onde prevalecia a caracterização de suas estreitas ligações geracionais com a missão francesa dos anos de 1930 – quando autores como Jean Gajé (sic) aqui estiveram e formaram as primeiras gerações de historiadores para o curso de Geografia e História.” (ROIZ; SANTOS, 2012, p. 185). A dissertação de mestrado de Fabrício Alves (2010), porém, demonstra, com dados quantitativos, que o olhar sobre a Revista de História precisa ser matizado, pois o seu conteúdo é diverso.

<sup>6</sup>Conferir de Eurípedes Simões de Paula na RH, *Como fomos recebidos em França* (1957b, p. 3) e *Como fomos recebidos em Portugal* (1951, p. 233-234).

<sup>7</sup>Conferir lista das obras feita por Raquel Glézer no *In Memoriam*.

<sup>8</sup>E depois do Decreto Federal nº 2.594, de 1955 que instituía a separação das duas áreas, somente o curso de História. (BRASIL, 1955)

<sup>9</sup>“Ocorreu a este tempo a visita do grande historiador, mestre de toda uma geração de historiadores, Lucien Febvre, cuja passagem pelo Brasil foi marcante para a seção de História; conferência sua abriu o primeiro número da Revista de História, que, *sob influência francesa* então se fundava, procurando filiar-se à orientação historiográfica da revista francês ‘Annales’, então dirigida por Febvre e Marc Bloch, à qual se prendiam tanto Braudel como Léonard.” (ARAÚJO FILHO; SIMÃO; FRANÇA, 1989, p. 26, grifo meu).

<sup>10</sup>Frederic Mauro é um historiador francês, associado à segunda geração dos *Annales*. Foi aluno de Fernand Braudel e se especializou em História da América Latina, ocupando essa cadeira na Universidade de Paris X – Nanterre. No ano da resenha, Mauro encontrava-se ainda trabalhando na Universidade de Toulouse.

<sup>11</sup>Labrousse, Braudel e Mousnier compunham a banca examinadora, mais Bourdon e Mollat como relator e arguidor, respectivamente. Por outro lado, o número 3 de 1950 traz como seção de abertura a conferência pronunciada no IHGSP por Myriam Ellis sobre o Senador Alfredo Ellis, seu avô e pai do segundo catedrático de História da Civilização Brasileira. A nota conforma-se em mostrar a data e o local da conferência.

<sup>12</sup>Outro ex-professor da FFCL também é lembrado com sobriedade. O texto de Coornaert publicado no n.5 de 1951 traz como nota somente o local e data da conferência e a autoria de sua tradução.

<sup>13</sup>“Eurípedes S. de Paula manteve vínculos, ainda, com uma série de outras sociedades científicas, dentre as quais convém destacar: o Comité International des Sciences Historiques (Paris), o Comité International d’Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale

(Bruxelas), a Associação Paulista de Educação, a Sociedade de Estudos Filológicos, a Associação Brasileira de Escritores (Secção São Paulo), a Sociedade de Estudos Clássicos, a Associação de Geógrafos Brasileiros (Secção São Paulo), o IHGSP (Inst. Histórico e Geográfico de São Paulo), a Associação Brasileira de Folclore, a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), o Instituto Histórico de Niterói, o IHGB (Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro) e, finalmente, a Academia Paulista de História. Como bem veremos, a produção historiográfica que ocupa as páginas da RH, guarda, em maior ou menor grau, relações com muitas dessas instituições que foram fundadas, dirigidas ou frequentadas por Eurípedes S. de Paula.” (ALVES, 2010, p. 61).

<sup>14</sup>Alves identifica a FFCL e a FCEA da USP como as duas primeiras e o IHGSP em terceiro. Na informação acima, estou considerando a FCEA e a FFCL como pertencentes à uma só lógica institucional (a USP), o que leva o IHGSP ao segundo lugar.

<sup>15</sup>Outro elemento interessante que a pesquisa de Alves indicou é a quantidade de citações aos trabalhos de Afonso Taunay. Conforme já informado, Taunay é o autor brasileiro mais citado nos artigos da Revista de História, provavelmente pelo grupo de autores, encabeçados por Ellis Junior, mencionados acima.

<sup>16</sup>A tese de doutorado de E.S.P., *O Comércio Varegue e o Grão-Principado de Kiev*, compõe o Boletim n. 3 da cadeira de História da Civilização (1942); a de cátedra, *Marrocos e Suas Relações com a Ibéria na Antiguidade*, o n. 4 (1946); o doutorado de Pedro Moacyr Campos, *Alguns Aspectos da Germânia Antiga através dos autores clássicos*, o n. 5 (1946) e o doutorado de Eduardo França, *O Poder Real e as Origens do Absolutismo*, o de n. 6 (1946). Aliás, é curioso observar como a década de 1950 é um período de baixa em geral. Tomando a publicação dos Boletins das Cadeiras da FFCL, a produção de História da Civilização Antiga e Medieval é relativamente baixa: um número inicial de 1939 de um curso ministrado por Antônio Piccarolo; o n. 2 de 1940, *Estudos Íbero-Atlânticos*, com contribuições de Jean Gagé, Eurípedes e Astrogildo Rodrigues de Mello, e depois os quatro volumes acima citados. A Cadeira de História Moderna e Contemporânea tem somente um número: *A Penetração Comercial da Inglaterra na América Espanhola de 1713 a 1738*, de Olga Pantaleão em 1946. História da Civilização Americana publica três Boletins: *As Encomiendas e a Política Colonial de Hespanha*, de Astrogildo Mello em 1943; *O Comércio Português no Rio da Prata*, de Alice Canabrava em 1944 (também sua tese de doutorado); e *O Trabalho Forçado de Índigenas nas Lavouras da Nova Hespanha*, novamente de Mello em 1946. A Cadeira de História da Civilização Brasileira, por sua vez, em 1951, publicara doze números, ainda que, como já dito, parte desses trabalhos não fosse inéditos, mas reedições de escritos já publicados por Ellis Junior. Já a Cadeira de Etnografia Brasileira e Tupi-Guarani de longe ultrapassava todas elas já que possuía 21 boletins publicados em 1951, de autoria de Ayrosa, de convidados e de seus assistentes. Não obstante, vale ressaltar que vários desses Boletins são publicações de documentos e não fruto de pesquisas monográficas.

<sup>17</sup>O próprio França parecia ter consciência desse caráter inicial da revista, quando admite na homenagem da Congregação a Eurípedes: “A serviço da História, a Revista, era uma armadilha para conquistar adeptos, num silencioso proselitismo.[...]. Grande História? Nem sempre: tinha a astúcia de se contentar com a História possível: nem tudo eram joias na casa de gente pobre.” (HOMENAGEM, 1977, p. 12).

<sup>18</sup>“Não cairei, assim, no ridículo de defender perante vós a utilidade do ensino de história, o que seria, por vias travessas, abordar o problema de interesse geral da utilidade da

história. Por certo que a história é útil e também o é seu ensino, pela própria forma com que ela se oferece, como uma especulação lícita e valiosa do espírito, em que também há utilidades de ordem intelectual.” (BRAUDEL, 1955, p. 3). A conferência fez parte de uma série de 14, igualmente pronunciadas por colegas seus de Faculdade, num curso de extensão promovido pelo IEUSP durante os meses de setembro, outubro e novembro daquele ano.

<sup>19</sup>Há uma discrepância no título do livro que França coloca em sua resenha (Luis XVI) e o título de sua própria resenha, que se refere a Luís XIV. O correto é, de fato, Luís XIV (ANDRÉ, L. *Louis XIV et l'Europe*. Paris, Albin Michel, 1950).

<sup>20</sup>E republicado no Brasil na coletânea *Combates pela História* (1989).

<sup>21</sup>Aqui me auxilia a noção de epitexto de Gérard Genette (2009, p. 303). Diz ele que: “É epitexto todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente ilimitado.”. Sobre sua função, “O destinatário tem como característica neste caso nunca ser apenas o leitor (do texto), mas algum tipo de público que pode, eventualmente, não ser leitor: público de um jornal ou de um meio de comunicação, auditório de uma conferência, participantes de um colóquio, destinatário (individual ou plural) de uma carta ou de uma confidência oral, ou mesmo – no caso do diário íntimo – o próprio autor [...]. Devemos, pois, considerar essas diversas práticas como lugares suscetíveis de nos fornecer fragmentos (de interesse por vezes capital) de paratexto que devem ser procurados com lupa [...]. A segunda observação, de ênfase inversa, é que o epitexto é um conjunto cuja função paratextual não tem limites precisos, e no qual o comentário da obra se difunde indefinidamente num discurso biográfico, crítico ou outro, cuja relação com a obra é às vezes indireta e, no caso extremo, indiscernível [...]” (GENETTE, 2009, p. 304-305).